

Psicanálise vincular – teoria e clínica

Vol. 1 – Fundamentos teóricos e abordagem clínica da família

Vol. 2 – Discussões clínicas vinculares

Rodolfo Moguillansky e Silvia Liliana Nussbaum

Editora: Zagadoni, São Paulo, 2011, 270 pp. (Vol. 1), 223 pp. (Vol. 2).

Resenhado por: Eliana Riberti Nazareth¹

Rodolfo Moguillansky e Silvia Nussbaum condensam em seus dois volumes de *Psicanálise vincular – teoria e clínica*, um tanto apreciável de suas experiências como professores e psicanalistas de família e de casal.

Apresentada de forma didática – ao final de cada capítulo há um “epílogo” com seu objetivo e bibliografia específicos – e original – pois os autores fazem constantes referências à pintura, à música, à poesia, ao cinema e à arte em geral para ilustrar e esclarecer os aspectos abordados –, a obra auxilia o leitor, mesmo aquele não tão versado, a se orientar em um tema tão instigante quanto o da psicanálise dos vínculos.

Um dos grandes méritos de Moguillansky e Nussbaum é conseguirem mostrar de forma clara como se constitui a mente do indivíduo, concebido como um ser de vínculos, isto é, não somente como se forma e organiza a psique, mas também e, sobretudo, o que representa estar imerso em um mundo vincular, especialmente no familiar, e o que significa o sofrimento deste tipo, como explicam em sua “Apresentação”.

Os autores, ambos da APDEBA (Associação Psicanalítica de Buenos Aires), passeiam por vários pensamentos e correntes – de Freud aos contemporâneos – para mostrar como a perspectiva apresentada neste livro se desenvolveu na teoria psicanalítica.

No primeiro volume examinam principalmente os fundamentos teóricos e a abordagem clínica, ao passo que no segundo, o exame se detém mais pormenorizadamente nas discussões da psicodinâmica dos vínculos, desde as modalidades de vínculos mais primitivos às mais sofisticadas psiquicamente ou, em outra linguagem, das mais esquizo-paranoides às mais depressivas.

Apesar de ainda não ser muito conhecida – e, não raro, aceita – mesmo pelos próprios psicanalistas, esta abordagem psicanalítica pode ter sua genealogia traçada desde Freud.

Talvez não seja demais dizer que suas sementes já se encontram no trabalho com o “Pequeno Hans” (1909), que, como sabemos, foi realizado por meio das intervenções do pai da criança orientadas pelo próprio Freud, para não falarmos de “Totem e Tabu” (1913), “Psicologia das massas e análise do ego” (1921), “O mal-estar na civilização” (1930), entre outros.

Vários outros psicanalistas vêm desenvolvendo modelos de trabalho vincular. Os autores os classificam em quatro eixos:

Primeiro eixo: “Os que incorporam a noção de vínculo sem uma modificação substancial das clássicas formulações do inconsciente e do narcisismo” (Vol. 1, p. 67).

¹ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP. Coordenadora de atendimento de família e casal do Centro de Atendimento da SBPSP. Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.

Muitos analistas se utilizam desse tipo de modelo iniciado por Henry Dicks na clínica Tavistock, e aperfeiçoado por Nathan Ackerman e David Scharff, que tem como base a teoria das relações de objeto. “Scharff apoia-se explicitamente na teoria das relações de objeto segundo as formulações de Fairbairn, Klein, Winnicott, Bion e Bowlby e nas reformulações que Bollas, Mitchell, Kernberg e ele mesmo fizeram” (Scharff & Scharff, vol. 1, p. 71).

César Merea, Augusto Picollo e Jean Lemaire aparecem na transição entre esse primeiro eixo e o segundo, a seguir.

Segundo eixo:

Os que, sem supor um *locus* inconsciente, além do inconsciente individual teorizado por Freud, propõem a existência de processos vinculares com *efeitos inconscientes* no seio do vínculo e, por sua vez, reconsideram as clássicas conceituações do narcisismo à luz do que traz de novo o vínculo (Vol. 1, p. 67.).

O grande representante desse modelo é, segundo os autores, o aluno de Didier Anzieu, René Kaës. Vários outros apoiam pontos de suas teorias nas descobertas do pesquisador francês como Roberto Losso, Alberto Eiguer e Miguel Spivacow.

Terceiro eixo: “Os que pensam na existência de uma estrutura ou organização inconsciente intermediária transindividual” (Vol. 1, p. 68).

Um expoente desse modelo, bem conhecido entre nós brasileiros, é Isidoro Berenstein que, com Janine Puget, desenvolveu grande parte de sua teoria até o final dos anos 1980, sobretudo baseado no estruturalismo.

Quarto eixo: “Os que têm enfatizado no vínculo o papel do novo, do acontecimento, separando-se das noções de repetição e, conseqüentemente, das noções de causalidade histórica e das enunciadas por Freud em torno da noção de inconsciente” (Vol. 1, p. 68).

Novamente encontramos Berenstein e Puget como grandes representantes desse modelo, a partir da virada teórica desses autores no final dos anos 1980, início dos 1990.

A grande contribuição de Berenstein e Puget está no fato de acentuarem – por vezes de maneira até radical – a importância da alteridade no vínculo com o outro, como algo irredutível ao determinismo inconsciente e à transferência, evento psíquico vincular que cunharam a interferência.

Moguillansky e Nussbaum, por sua vez, parecem situar-se em outro modelo, que considera o novo e o inusitado que é trazido e imposto pela presença do outro, porém sem desconsiderar a repetição do infantil nas escolhas.

Citando-os:

Postulamos que somos filhos da história que vivemos e dela somos inventores. Não há invento do vínculo *ex-nihilo*. Inventamos tendo como base a repetição do vivido.

[...]

Essa linha de pensamento focou o conceito de novos momentos de constituição narcisita e um inconsciente que não se fecha com a repressão da sexualidade infantil, como havia sido proposto nos modelos iniciais da Psicanálise. Reavalia-se, então, a nosso ver, o papel estrutural da ilusão, do imaginário na constituição do conjunto, nos novos conjuntos que instituímos quando adultos – casais, famílias etc. Nesse novo conjunto, emergem novas determinações inconscientes (Vol. 1, pp. 182-183).

Na análise vincular, achamos importante levar em consideração tanto a força do inconsciente reprimido que se repete e atualiza nas escolhas de objeto, quanto a “interferência” – nas palavras de Berenstein e Puget – que o novo do outro impõe com sua autonomia que não se reduz ao desejo do sujeito.

Moguillanski e Nussbaum prosseguem abordando extensamente o desenvolvimento da família na modernidade até chegar ao que vemos hoje, isto é, a família pós-moderna com toda sua complexidade e diversas configurações, com o objetivo fundamental de tratarem das indicações e intervenções possíveis que atendam à singularidade de cada grupo.

Ao mesmo tempo, os autores chamam a atenção do leitor para os lugares que o analista ocupa na transferência e para as diversas solicitações às quais está sujeito, de acordo com os diferentes quadros vinculares.

As discussões clínicas abordam desde o encaminhamento, como se dá a busca da análise familiar e a primeira entrevista, até as mais variadas sessões e seus comentários sobre as várias famílias de seu rico acervo, composto por diversas patologias.

Interessam-se por explorar, sobretudo, a psicose no que denominam de “perspectiva vincular”, para melhor compreendê-la. Trata-se de uma investigação fértil e que nos dá um amplo panorama das várias escolas que estudam o tema e seus instrumentos terapêuticos específicos.

Enfim, apesar de pouco cartesiana – pois muitas vezes o trajeto percorrido pelos autores realiza um vai e vem por comentários, propostas, conceitos e escolas – a obra, de fôlego, nos apresenta um belo e apaixonante panorama da psicanálise vincular.

Conseguem mostrar ao leitor que amar e relacionar-se é não só ter de se haver com a frustração que a desilusão de não se ter a mesma ilusão provoca, mas também é ter de se deparar com a beleza do incerto, do inopinado e do inesperado do outro.

Eliana Riberti Nazareth

[Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP]

Rua Pedroso Alvarenga, 1.255, cj. 65

04531-012 São Paulo, SP

Tel.: 11 3854-9614

eliananazareth@uol.com.br